

LUIZ DE CASTRO FARIA: ESTUDO ANTROPOLÓGICO PELAS FEIRAS DA BAHIA – 1949

Maria Heloisa Bertol Domingues
Museu de Astronomia, MAST, UFRJ

RESUMO

Este trabalho trata de uma expedição antropológica, sobre feiras populares, realizada por Luiz de Castro Faria, em 1949, na Bahia. O objetivo foi discutir a sua visão teórica num momento em que a cultura social, como objeto de estudo antropológico, passava a dominar o campo das ciências sociais. A análise mostrou que Castro Faria, sob o foco teórico como o de Franz Boas, viu as feiras semanais como um processo econômico de socialização das pessoas e de expressão de diversidade cultural, geograficamente localizada – ele fez antropologia ecológica. Desde meados do século XX, até o final do mesmo, sobrevieram transformações teóricas, como a marxista, que valorizava as relações econômicas, sobrepostas às culturais. Contudo, no final do século, com o agravamento das questões climáticas, as relações locais e globais vêm sendo revistas, mostrando que o global nasce do local. O trabalhos de Castro Faria, enquanto história da antropologia, torna-se referência para esses estudos atuais que repensam o lugar da cultura na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: feiras da bahia, estudo, antropologia

ABSTRACT

This work deals with an anthropological expedition on popular street markets, carried out by Luiz de Castro Faria, in 1949, in Bahia. It aims to discuss the theoretical vision of the anthropologist at a time when social culture, as an object of anthropological study, began to dominate the field

of social sciences. The analysis showed that Castro Faria, under the focus of works such as Franz Boas, saw the weekly markets as an economic process of socialization of people and expression of cultural diversity, geographically located – he studied ecological anthropology. From the mid-twentieth century until its end, theoretical transformations took place, such as the Marxist one, which valued economic relations, superimposed on cultural ones. However, at the end of the century, local and global relationships have been revised with the worsening of climate issues, showing that the global is born from the local. As a history of anthropology, Castro Faria's work becomes a reference for these current studies that rethink the place of culture in society.

KEY-WORDS: fairs in bahia, study, anthropology

INTRODUÇÃO

Em 1949, o antropólogo Luiz de Castro Faria realizou uma expedição científica à Bahia, com o objetivo de estudar as feiras populares, em diferentes locais. Para ele, o trabalho de campo científico, somente poderia se realizar baseado “num esquema conceitual bem esboçado à priori”⁸. Nos diários de campo, seus registros e inúmeras fotografias evidenciavam um modelo teórico. A etnologia estava naquela época em vias de sua definição teórica.

Na França, André Leroi-Gourham discutia a relação dos homens com a matéria e as técnicas que homens em sociedade transformavam. Essas técnicas, profundamente ligadas às ciências naturais, se fixavam num centro geográfico e numa época, o que permitia analisar, o aproveitamento das “riquezas” da terra, a fim de difundi-las, isto é, comercializa-las⁹. Castro Faria realizou sua pesquisa sobre as feiras ciente

8 Luiz de Castro Faria, Apontamentos diversos -1953-1954.

9 A. Leroi-Gourhan, publicou as primeiras edições de *Milieu et Technique* e *L’Home et*

de ideias como as de Leroi-Gourhan, que em última instância discutiam a cultura [material]. O livro de Leroi-Gourhan constava de sua biblioteca. É preciso considerar que enquanto um etnólogo, formado no Museu Nacional onde o pensamento de Franz Boas dominava naquele momento, os princípios teóricos que orientavam seus trabalhos não poderiam ser outros. Epistemologicamente, a antropologia vivia seu momento de passagem, pois de uma ciência com base na biologia, passava à uma ciência social, abrangendo a produção cultural das sociedades.

Para Castro Faria cultura definia-se no movimento interno de um grupo. À sua maneira, ou com seu "estilo científico", traduziu cultura como relações hierarquizadas, de parentesco, de poder, de trabalho, de lazer etc. Considerando-as como relações locais, o meio teve papel relevante na interpretação das relações sociais; daí a importância que a geografia humana ganhou nos seus trabalhos e o trabalho de campo ter sido o método adotado (Domingues, 2008)¹⁰. Traduziu a sua prática científica como "Antropologia ecológica".

A expedição à Bahia foi um, entre os muitos trabalhos de campo que realizou. A prática antropológica de Castro Faria iniciou-se em 1938¹¹, na conhecida expedição etnológica, à Serra do Norte, Mato Grosso, chefiada por Claude Lévi-Strauss. Castro Faria fez parte da equipe como representante do Museu Nacional e da Comissão de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. Além dele, participaram Jehan Albert Véillard, biólogo e Dinah Lévi-Strauss, etnóloga e esposa de Lévi-Strauss. Desse trabalho resultou, para Lévi-Strauss o conhecido livro *Tristes Trópicos*. Para Castro Faria o resultado foi uma série de cadernos de notas e uma coleção de mais de mil fotografias, transformados no belíssimo

la matière, em 1943 e 1945, respectivamente. As observações referidas encontram-se na Introdução do primeiro.

10 Quando entrou para o Museu Nacional, em 1936, Castro Faria estabeleceu estreita relação com Raimundo Lopes, autor de *Antropogeografia*. Sobre isto ver Raimundo Lopes: dois estudos resgatados (2010).

11 Ele era, então, estagiário voluntário no Museu Nacional, onde trabalhou por mais de 60 anos. Aposentado em 1985, trabalhou até 2001 como professor Emérito. Recebeu ainda a medalha de Honra ao Mérito Científico, do Presidente da República.

livro, *Um outro olhar, diário da expedição à Serra do Norte, Matro Grosso, 1938*, publicado somente quando a expedição fez 60 anos¹².

A orientação teórica de Castro Faria já se definia naquele primeiro trabalho, como mostrou numa palestra, realizada em 1946, no Conselho Nacional de Geografia, registrada num artigo datilografado, inédito e inacabado, intitulado "Ecologia das comunidades indígenas do Chapadão Matogrossense" – provavelmente a única interpretação que ele fez daquela expedição¹³. Nas palavras dele, "antropologia ecológica" possuía um sentido amplo, que correspondia ao sentido clássico do termo e ao espírito das pesquisas realizadas "entre nós", entre outros, por Gilberto Freyre, no livro *Nordeste*¹⁴. Para a antropologia do imediato pós-segunda guerra, a metodologia de Castro Faria podia ser classificada no que Herbert Lewis chamou de ecologia evolutiva, que tinha no americano Julian Steward um nome representativo; esta era também definida como ecologia humana – porém Castro Faria não identificou seus trabalhos com tais classificações, manteve-se na prática que chamou de antropologia ecológica, associando etnografia e geografia humana, na melhor tradição boasiana. Na sua visão, antropologia ecológica impunha como objetivo o estudo das relações entre as diversas comunidades, entre si e com o meio em que viviam¹⁵.

Pouco tempo depois daquela palestra no Conselho Nacional de Geografia, quando apresentou seu primeiro projeto de pesquisa à direção do Museu Nacional, Castro Faria corroborava aquele objetivo. No relatório da expedição registrou que, inicialmente, o seu objetivo era fazer observações de caráter geral, sobre a "paisagem cultural e os modos de vida", no norte do Estado do Rio de Janeiro; uma região praticamente

12 Luiz de CASTRO FARIA, *Um outro olhar. Diário à Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro, Ed. Ouro Sobre Azul, 2003.

13 Luiz de CASTRO FARIA, *Ecologia das comunidades indígenas do Chapadão Matogrossense*. Arquivo de História da Ciência, MAST, CFDA 11.06.145.

14 Castro Faria, Idem. Gilberto FREYRE, *Nordeste. Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1989, 6a. edição (1a. edição, 1937, Ed. José Olympio).

15 L. de Castro Faria, idem nota 7, acima.

nunca estudada¹⁶. Ali aplicaria, de fato, o método da antropologia ecológica, conforme definira anteriormente.

As feiras, como uma forma de comércio tipicamente local, chamaram a atenção de Castro Faria, naquela pesquisa no Estado do Rio, especialmente a feira de Gargaú, lugarejo pertencente à São João da Barra, sua cidade natal¹⁷. Ele classificou a feira semanal de Gargaú como uma feira tradicional, por ser o ponto de encontro entre a “gente do sertão” e o consumidor das cidades e zonas litorâneas. A existência de uma “sub-coletoria” estadual nesta vila, então praticamente em ruínas, dava uma ideia da importância da feira semanal de Gargaú¹⁸.

Castro Faria analisou as feiras semanais como um processo econômico de socialização das pessoas e expressão de diversidade cultural e de arte. A feira permitia diversificar as atividades econômicas locais. Neste caso, chamou-lhe a atenção o caso dos prancheiros, que classificou de “uma indústria de transporte das mais interessantes”. Os prancheiros, anotou ele, eram “conhecedores dos canais e vias fluviais como também peritos na arte de carregar e conduzir aquelas embarcações de fundo chato”. Tal indústria havia se desenvolvido em função do transporte das mercadorias para as feiras.

A expedição à Bahia, em 1949, tinha o “intuito deliberado de consagrar a maior parte do tempo a uma investigação ampla dos aspectos etnológicos, econômicos e geográficos das feiras locais¹⁹. Deixava entrever que entendia a geografia humana e a economia como ciências

16 Luiz de Castro Faria, Relatório de uma Excursão ao Estado do Rio de Janeiro, Julho-Agosto de 1940, MAST, Arquivo CF (CFDA 11.09.075).

17 Castro Faria nasceu em 1913, em São João da Barra, Estado do Rio de Janeiro. Em 1936, com 23 anos, entrou para o Museu Nacional como estagiário. Nesta condição realizou o primeiro trabalho de campo, na expedição à Serra do Norte, no Mato Grosso. Em 1943, prestou concurso e foi engajado como naturalista, como todos os cientistas que, então, entravam para o Museu Nacional.

18 CASTRO FARIA, Diário da Expedição à São João da Barra, 1945, em *Paisagens culturais e gêneros de vida*, no prelo. Foram conservadas entre “aspas”, algumas expressões dos originais.

19 Luiz de CASTRO FARIA, Relatório de Expedição à Bahia, 1949, Arquivo MAST, CFDN 17.04.036.

transversais à antropologia²⁰. Justificava o estudo, dizendo que essa questão era quase inexistente, na bibliografia brasileira. Uma exceção, segundo ele, era o livro *Geografia Humana do Brasil*, de Pierre Deffontaines, que interpretando a geografia pela economia, havia correlacionado alguns tipos de feira, especialmente, as feiras situadas na fronteira das zonas agrária e criadora, pois caracterizavam-se como centro de permutas comerciais²¹.

TRAJETO DAS FEIRAS DA BAHIA: uma paisagem cultural-econômica do Nordeste

Naquelas primeiras pesquisas, após a expedição à Serra do Norte, Castro Faria deu prioridade a espaços urbanizados e direcionou a maioria de suas observações a relações sociais e econômicas, registrando igualmente formas e organização do trabalho, diferentes hierarquias que se estabeleciam em função da exploração de recursos naturais, locais, e do seu comércio. Este se fazia, seja com produtos já processados ou *in natura*, o que variava de lugar para lugar, assim como o papel dos profissionais respectivos - pescadores, agricultores, caçadores, comerciantes etc. Nos diários chamou a atenção para os modos de vida doméstica, referindo-se a relações de parentesco e às formas e meios de socialização, dentre as quais incluiu o “indefectível” campo de futebol. Ele buscava respostas para seus próprios questionamentos sobre o objeto que elegera para estudo: a ecologia das culturas locais²².

Castro Faria não se preocupou em colecionar objetos “naturais” ou etnográficos a esmo – afinal, o colecionismo, que fazia circular

20 No projeto de expedição ao Estado do Rio de Janeiro Castro Faria salientava a mesma ideia. A ideia de transversalidade das ciências é entendida aqui cf. Shinn e Ragouet, 2005, p. 145.

21 O livro de Pierre Deffontaines, *Geografia Humana do Brasil*, foi publicado em 1940, pelo IBGE. Desde os anos 2000, a bibliografia sobre feiras no Brasil é imensa e aparece na antropologia, na geografia, nas ciências ambientais, na economia etc. Cf. Araújo e Ribeiro (2019), foram mais de 400 trabalhos desde então.

22 Domingues, 2008;

internacionalmente as riquezas locais, ficara para trás, como marca das práticas das ciências naturais do século XIX²³. Castro Faria colecionava apenas poucos objetos que fossem representativos dos hábitos cotidianos dos diferentes grupos que observava, tais como artefatos materiais, de pesca, de caça, de cozinha etc. - todos adquiridos no comércio - ou pequenas coleções botânicas, que guardavam os conhecimentos tradicionais, que tanto valorizou²⁴. Contudo, colecionou sem limites imagens fotográficas que capturavam o cotidiano diverso das sociedades. Foi um exímio fotógrafo²⁵.

O trabalho na Bahia obedecia a um plano bem definido. Em 1949, Castro Faria foi instado pela Diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres, a realizar “estudos de antropologia cultural nas áreas de aculturação afro-brasileira e sertaneja do Estado da Bahia”²⁶. Ele recortou a temática e estabeleceu o objetivo de um “estudo etnológico das “feiras” da Bahia, desde a tradicional e famosa Feira de Santana às mais modestas e praticamente desconhecidas da zona interior e sertaneja”. Sua questão era analisar esse setor significativo do sistema econômico, de feição arcaica, ainda dominante no meio rural brasileiro.

Na Bahia, Castro Faria retratou as características originais de cada uma das feiras estudadas, observando produtores e produtos locais comercializados; a hierarquia social e econômica refletida na organização estrutural das feiras; as relações sociais, econômicas e a cultura da produção e de lazer localizada. Pode-se dizer que ele obteve um grande álbum etnológico das feiras, enquanto um tipo especial de comércio. Fez etnografia de gêneros alimentícios, de cestarias, cerâmicas, de objetos de couro ou de metal; dos meios de transporte terrestres e fluviais; das formas de entretenimento, como as cantigas de cantores cegos; do carroto dos meninos; da participação de mulheres, num trabalho

23 Domingues e Sá, 2019, p.272;

24 Domingues, 2016;

25 Sobre a importância da fotografia para o trabalho antropológico ver Castro Faria, 1998.

26 Portaria n. 7, de 14/03/1949. Acompanha o Relatório da Expedição (Arquivo MAST).

eminentemente masculino. A feira foi analisada como uma atividade econômica e como um mo[vi]mento urbano de grande socialização - uma cultura caracterizada geograficamente.

Para Castro Faria, as feiras da Bahia representavam um fator de sociabilidade, que já tinha sido superado noutras regiões, por diferentes formas de associação. Os locais das feiras eram locais de passeio, pontos de encontro, nos quais as bebidas e os pratos saborosos ensejavam entretenimentos e diversões. À noite, quase sempre apresentavam um ar de festa, com música e excesso de bebidas. Concluiu contudo que os participantes dessa “festa” eram os próprios feirantes, tropeiros, barraqueiros ou carregadores e demais membros, que tinham o mesmo nível sócio econômico; “as pessoas da classe média iam à feira apenas para comprar e não se demoravam nelas”²⁷.

No relatório da expedição retratou o trajeto das viagens e um resumo de suas observações; nos diários de campo anotou detalhadamente detalhes dos lugares e dados da pesquisa etnológica. Marcou datas e horários de chegada e saída de cada lugar. Falou das hospedagens das condições urbanas e obviamente descreveu meticulosamente o “lufa-lufa” das feiras.

A narrativa em detalhes, sobre as feiras, começou no momento que partiu do Rio de Janeiro, numa manhã de quarta-feira, do dia 20 de julho [1949], chegando, dois dias depois, às 12:30 horas em Ilheus, ponto de chegada na Bahia e de início do seu estudo no Estado.

Depois de alguns dias em Ilheus, seguiu para Salvador, chegando às vésperas da abertura da conhecida feira de Água de Meninos, que tradicionalmente abria aos sábados. Permaneceu em Salvador por 10 dias e antes de rumar para a tão esperada Feira de Santana visitou, a feira no Largo da Penitenciária.

No dia primeiro de agosto, viajou de “marinete”, para Feira de Santana, onde fez meticulosas observações sobre a função exercida pelos produtos locais naquelas feiras.

27 Diário da Expedição à Bahia (manuscrito). MAST, CFDN 17.04.036.

De volta a Salvador, em 5 de agosto, reorganizou o seu plano de estudos. Dali foi à cidade de Bonfim, na Chapada Diamantina, onde se realizava uma grande feira. No dia 10 de agosto rumou de Bonfim, pela estrada de ferro Leste Brasileiro, para Jacobina, a fim de observar a feira, naquela antiga região de mineração.

De volta a Salvador, visitou novamente a feira de Água de Meninos, daí retornou à Feira de Santana, onde encerrou o seu estudo, partindo para o Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1949, depois de quarenta dias.

UM ROTEIRO DE ETNOLOGIA NAS FEIRAS POPULARES DA BAHIA

O estudo etnológico das feiras consistia também numa análise ecológica da área urbana onde se realizavam²⁸. A cidade de Ilhéus tinha sido escolhida como centro de interesse e, por isso, ali iniciou o trabalho.

FEIRA DE ILHEUS

Na sexta-feira, 22 de julho, quando chegou a Ilheus, era “dia da feira semanal”. Foi a primeira informação que recebeu na cidade e tratou de esboçar imediatamente o plano de estudo da área urbana. Nas primeiras caminhadas pela cidade chamou-lhe a atenção as funções sociais de cada bairro: residenciais e de comunidades, principalmente de pescadores. Também considerou os modos de vida e nesse sentido, junto aos pescadores considerou que Ilheus devia ser o limite meridional do uso da jangada, pois dali em diante não mais era usada. Visitou ainda, pela primeira vez, um “terreiro”, tendo iniciado perspicazes observações sobre o candomblé (o Candomblé do Pedro). Ao redor de Ilheus, visitou as cidades de Olivença, antigo aldeamento de população indígena – sobre a qual obteve preciosa documentação – e Itabuna, centro de produção de cacau.

A feira de Ilheus começava ao meio dia da sexta-feira e só terminava

28 Idem.

na tarde de sábado. Castro Faria registrou em seu diário que era uma das feiras mais típicas, cujo estudo sistemático precisaria ser empreendido, antes que as suas características mais próprias desaparecessem de todo ou que de todo fossem deturpadas, nas suas verdadeiras finalidades. Chamou-lhe a atenção o seu “incrível movimento”.

Comparou-a com a feira de Gargaú, do Estado do Rio de Janeiro, que observara anteriormente, e confirmou que ali também aquele tipo especial de comércio contava com a participação, além do produtor, de dois tipos de intermediários, o feirante e o barraqueiro²⁹. Este era um “vendedor ambulante, que transportava em caminhões de aluguel a sua casa de negócios, isto é, uma barraca formada por um balcão de madeira e uma cobertura de lona, e várias caixas, onde eram guardadas as mercadorias”. O barraqueiro completava a função econômica das feiras. Era o intermediário dos produtos já industrializados, necessários ao pequeno produtor, que os adquiria logo que terminava de vender as suas mercadorias. Este último, em geral, não se demorava na cidade e nem mesmo se afastava do local da feira. Terminada a feira, voltava imediatamente para a casa, pois muitas vezes a deixava vazia e a roça ficava sem vigia, pois, a mulher e os filhos o acompanhavam, ou, pior, deixava a família só em casa. Observou, ainda, que “ao lado do agricultor figuravam vários produtores de pequenas indústrias domésticas, de rendas, crivo, cerâmica, cestos, gaiolas e vassouras, assim como de biscoitos e de doces”.

Definiu a feira de Ilheus como um mercado primitivo, porque provisório, realizado a céu aberto e, por isso, sujeito às intempéries do tempo. Para ele, tal característica evocava a origem daquele tipo de comércio. Era um local escolhido pelo consenso de uma população, para a troca de produtos de suas atividades rotineiras. Destinava-se a suprir a falta de estabelecimentos de comércio permanente, ou das casas de negócio, que se desenvolveriam bem mais tarde.

29 Grifos no original, do autor.



Jangadas em Ilheus

Localizava-se junto ao mercado da cidade, onde havia um espaço destinado à realização de feiras, “espaço vazio, isto é, sem nenhuma construção permanente e sem cobertura”. Ainda na manhã da sexta-feira, o movimento no local começava a ficar agitado, com a armação, um tanto precária, das barracas e bancas. Do lado do mar chegavam canoas e saveiros, que enchiam o cais e havia disputa de espaço para ancorar. Do interior chegavam tropas de bois, carregadas de farinhas e produtos de pequenas lavouras dos arredores.

Observou que vendiam gêneros alimentícios variados, como frutas, verduras, carnes ou peixes; que havia venda de alimentos para os feirantes; que os objetos artesanais, como potes de cerâmica ou lamparinas feitas de lata, eram vendidos por mulheres negras. Chamou-lhe a atenção a participação de garotos na economia da feira, com o intenso carregamento de mercadorias para a casa dos compradores. Uma presença curiosa para ele, foi a dos cantadores – um casal de mendigos cegos, que percorria a feira esmolando e tocando um cavaquinho rústico, um maracá de lata. Cantavam cantigas que divertiam a assistência e os feirantes. O movimento na feira seguia a noite inteira. No final da tarde de sábado, era o fim da feira...



Feira em Ilheus

ÁGUA DE MENINOS, SALVADOR

Após Ilheus, analisou a feira de Água de Meninos, em Salvador. Esta localizava-se na Cidade Baixa, numa pequena enseada onde ancoravam os barcos vindos de todos os pontos do Recôncavo, carregados de mercadorias.

Todos em Salvador diziam que a feira de Água de Meninos era no sábado. Castro Faria fez, então, uma acurada observação etnológica, dizendo que tal afirmativa já não correspondia à realidade. Na verdade, no sábado chegavam novos suprimentos de mercadorias, o que atraía milhares de compradores, mas de fato, as barracas permaneciam abertas durante toda a semana. Assim, “o sábado como dia de feira em Água de Meninos “era uma convenção cultural superior a seu fim econômico”³⁰.

Logo que chegou à Água de Meninos, verificou que havia grande número de barracas fixas, apesar de precárias e mal dispostas, que formavam verdadeiras ruas de diferentes mercadorias; umas com

30 L. de Castro Faria, Relatório de Expedição à Bahia. Arquivo MAST, CFDA 09.06.067.

barracas de sapatos, outras de legumes e verduras, outras, ainda, eram pequenos armazéns de “secos e molhados”. Havia as barracas separadas que forneciam refeições aos feirantes.

Aquela feira significava, segundo ele, um estágio intermediário de comércio, entre a feira periódica, a céu aberto, com seu caráter de meio escambo, ainda subjacente na sua estrutura mais complexa de sistema de comércio em evolução e o mercado fixo, permanente, integrado ao sistema econômico dos grandes centros urbanos³¹.

Essa característica, de estágio intermediário, de feira periódica e mercado fixo, como observou em Água de Meninos, deu-lhe a oportunidade de analisar a evolução daqueles dois tipos de comércio. Por exemplo, observou que o feirante, com sua função econômica, aparecia em diferentes fases daquela evolução, desempenhando diferentes papéis. Havia o produtor com seus produtos agrícola, que podia ser um sitiante; havia o obreiro dedicado a qualquer indústria doméstica de transformação de matérias-primas locais. Ambos negociavam diretamente os seus produtos. Havia o barqueiro, que ia comprar na fonte de produção, com o seu barco, os produtos de diferentes zonas do Recôncavo, para revender na feira, aos compradores. Havia o barraqueiro de casa fixa, revendedor de mercadorias vindas de toda a parte – era um comerciante estabelecido, vendeiro ou lojista, mas ainda incapaz economicamente de participar de competição no comércio urbano regular.

A feira era também o local onde as mercadorias que não faziam parte do mercado comum e, pelo seu baixo preço, não tinham condições de disputar localização no comércio fixo. Dentre essas mercadorias encontravam-se ervas medicinais, passarinhos, cerâmica rústica, variadíssimos produtos de indústrias familiares, como doces, biscoitos e acepipes. Eram também frequentes as barracas de “ferro velho”.

31 L. de Castro Faria, Diário da Expedição(Manuscrito). Arquivo de História da Ciência, MAST, CFDA – 19.01. 016.

Impressionou-lhe a quantidade de cerâmica na feira de “Água de Meninos”. Observou que não havia grande variedade de tipos, mas todas em geral eram de admirável gosto popular. Chamou-lhe a atenção o formato, as cores, a pintura, os tipos de objetos de cerâmica, tais como panelas, potes, e dois tipos de cachimbos de barro que muito admirou. As decorações dos objetos eram simples mas originais, embora os objetos fossem, as vezes grosseiros.



Cerâmica em Água de Meninos

Castro Faria concluiu o relatório sobre Água de Meninos dizendo que a feira era um verdadeiro mundo de negócios, um lugar cheio de atrativos e de questões para o pesquisador interessado no estudo das formas de comércio e na influência que exerciam em determinado “agrupamento social”.

FEIRA DA PENITENCIÁRIA, SALVADOR

Enquanto a feira de Água de Meninos era aos sábados, domingo era dia de feira na Penitenciária. Relatou em seu diário que, diante das altas muralhas da Penitenciária, havia um grande largo, que na hora da feira era ocupado por um número enorme de barracas e por uma quantidade

de gente, que se movia em todas as direções. Nas ruas ao redor movimentava-se uma onda humana, subindo e descendo ladeira. Aquela multidão deu-lhe a impressão de que o largo da feira localizava-se numa zona de transição, semiurbana ou marginal, o que explicaria tamanho movimento. Observando o mapa da cidade viu que sua impressão estava certa e que além disso o local estava a poucos passos da orla marítima interior; o caminho que levava à Feira de Santana.

A “feira da Penitenciária” lembrou-lhe a de Ilhéus. Castro Faria desenhava em palavras a paisagem da feira: - “Ao lado do muro [da Penitenciária] que acompanhava o leito da estrada de ferro alinhavam-se as barracas de refeições; noutro setor agrupavam-se as barracas de carne, noutro as de alpercata e sapatos, noutro ainda as de gêneros alimentícios, de fazendas, de quinquilharias. Num local um pouco afastado do centro da feira, estavam reunidas centenas de gaiolas com pássaros e atividade em torno, dando a impressão de que os negócios eram frequentes e animados”.

Nesse mesmo local, uma pequena orquestra, formada por um senhor e dois garotos que faziam os acompanhamentos, tocava quase ininterruptamente, a troco de “níqueis” que os ouvintes de quando em vez deixavam cair na cuia de queijo, colocada no chão ao pé dos músicos. Não muito distante pedintes cegos, tocando sanfona ou cavaquinho e dizendo versos imploravam também esmolas. Noutro canto um homem exibia um macaquinho amestrado, em troca de escassos níqueis, que os poucos assistentes atiravam na sua cuia. - “Uma verdadeira feira, variada, concorrida, álcere”.

Aquelas feiras, na sua visão, eram um retrato da economia regional. Ao observar que “um barraqueiro apregoava em altas vozes, “chapéus de couro feitos em Caruaru”, teve a impressão de que Caruaru seria marca de qualidade em objetos de couro, assim como Campina Grande era para objetos de metal.

Embora o Recôncavo fosse o centro abastecedor daquelas feiras, sobretudo no que dizia respeito a frutas, legumes, hortaliças, peixes, crustáceos e moluscos, não só os demais gêneros alimentícios como os

vários produtos de uma verdadeira região econômica, a nordestina, convergiam para elas, apesar da distância dos centros produtores e graças ao sistema de transporte em caminhões. “A base desse sistema era o ciclo de feiras semanais, realizadas em localidades situadas dentro da rede rodoviária interna, que fazia da região sertaneja, dos vários estados nordestinos, uma unidade econômica”.

Essa tese, Castro Faria advogou, considerando que eram de grande evidência os testemunhos de uma participação constante, efetiva e real dos produtos de cada um dos Estados do nordeste naqueles mercados locais, caracterizando a “área nordestina como região econômica”, na qual a variedade de produtos sub-regionais era superada pela intensidade das trocas efetuadas. Esse fato ficou eloquente tanto na Penitenciária, quanto, principalmente, na Feira de Santana, que ele visitaria em seguida.

Na sua visão, não era a imagem do Estado da Bahia que se via refletida naquelas feiras, mas a de todo o Nordeste. Metais de Campina Grande, couro de Caruaru, redes de Sergipe, facas de Juazeiro, sal do Rio Grande do Norte, enfim múltiplos produtos de múltiplas sub-regiões.

FEIRA DE SANTANA

Reiterou em Feira de Santana as mesmas observações. A feira de Santana, na avaliação de Castro Faria, era a mais famosa da Bahia, tendo se tornado excursão obrigatória para quem viajava para Salvador. As duas cidades ligavam-se por ferrovia e por rodovia. O transporte rodoviário entre ambas era praticamente ininterrupto. Ele ficou impaciente até chegar ao local da feira mais famosa da Bahia.



Chapéu de couro do vaqueiro

A feira de Santana começava na manhã de segunda-feira, muito cedo. Conforme Castro Faria, o sol, ao nascer, viria “iluminar a cena colorida e de aspectos surpreendentes para o observador não familiarizado com os traços mais salientes da paisagem cultural nordestina”³². Nasceu de uma feira de gado e ainda conservava a mesma função, embora, de certa forma, suplantada talvez pela de mercado interno de todos os produtos da vasta região econômica, unificada pela rede rodoviária que punha em estreita conexão todos os centros produtores do nordeste, conforme já havia assinalado anteriormente.

Contudo, os vaqueiros eram ainda um traço forte daquela paisagem cultural local, com seus chapéus de couro a proteger as faces de linhas duras e cor de cobre antigo. Lamentou muito, porque já não se via o vaqueiro “encourado” – isto é, todo vestido de couro - apenas o chapéu era de uso quase geral, embora ainda se visse bastante o gibão, vestido sobre um paletó de zuarte, como uma peça isolada de um uniforme caído em desuso. A roupa de couro, observou Castro Faria, dentro em pouco

32 Castro Faria, L. Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia – MAST/MCTI, Fundo CF – CFDA 19.01. 016.

seria apenas uma reminiscência, sobretudo como conjunto de peças integradas numa função definida. A desintegração daquele conjunto era evidente - ora só o chapéu, ora o chapéu e o gibão, ora chapéu, gibão e luvas e até mesmo chapéu, luvas e roupa de brim leve; todas desgastadas.

Para ele, mesmo que muitas daquelas pessoas que ainda usavam peças feitas de couro tivessem consciência da função que desempenhavam, havia um abastardamento, uma desintegração cultural. Assim, afirmou: -“A pé, ou montados nas ancas de jumentos esses homens são caricaturas ingênuas do vaqueiro heroico das caatingas”. A feira tradicional de mercado de gado, que aproximava o homem disperso na amplitude da área pastoril, móvel, e exclusivista na sua atividade de guardador de rebanho, do agricultor sedentário e em geral monocultor, fixado definitivamente nas terras férteis da orla sertaneja, já não era central na feira de Santana.

Os meios de transporte evidenciavam aquela nova realidade. Eram três os tipos de transporte que faziam chegar os produtos: -Os caminhões, vindos de diversos estados do nordeste e, em número surpreendente, transportavam mercadorias dos centros produtores para a venda na feira. Os que transportavam carga pesada e volumosa em geral não levavam passageiros. Outros, entretanto, além da carga, transportavam mais de uma dezena de pessoas - proprietários de mercadorias que iriam negociar na feira, ou compradores que faziam o seu sortimento semanal. Esses caminhões já eram adaptados, com cobertura alta e bancos transversais. -O segundo meio de transporte, pelo volume da carga reduzida que transportava, eram as tropas de jumentos, com os seus caçuas de cipó ou os seus baús de madeira forrados de couro. -Em terceiro lugar, estava o transporte feito no lombo de um animal ou nas pequenas carroças, também com um só animal e uma ou duas rodas, na frente ou atrás.

Aqueles três tipos de transporte indicavam a participação de três zonas gradativamente distantes da feira de Santana – a local, a periférica e a regional. A expressão regional devia ser considerada num sentido amplo, porque os caminhões transportavam não só mercadorias de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará,

como produtos do Recôncavo e suas zonas agrícolas ou pastoris do interior da própria Bahia.

Na perspectiva etnológica de Castro Faria, a zona periférica estava em relação de contiguidade com o centro de venda e não só os seus produtos – em geral de pequenas lavouras ou de indústrias domésticas. As distâncias, eram facilmente vencidas pelos animais de carga, evitando, além do mais, as despesas de frete. A zona local ou semiurbana apresentava as mesmas condições da segunda, mas as distancias eram ainda menores e o vendedor em geral transportava ele próprio as suas mercadorias – agrícolas, artesanais e de criação.

Outros tipos de comerciantes surgiam à margem das atividades principais daquela feira. Eram os fornecedores de refeições, em geral boa comida preparada por cozinheiras experientes; sempre mulheres negras. Nas barracas trabalhava toda a família, inclusive crianças. Os gêneros eram adquiridos na própria feira. Ou seja, “a feira era um pequeno mundo de negócios, cheio de problemas e atrações como todo mundo de negócios”³³.

A feira de Santana ocupava uma área imensa, ao ar livre, mas certos produtos eram vendidos no interior do mercado, uma construção ampla e sólida. A variedade de legumes e de verduras não era grande, mas o volume apreciável. Côco, amendoim, milho verde figuravam em grande quantidade. Entre as frutas só a laranja, a banana, a jaca e o sapoti. A indústria de fibras ou de telas era rica e variada – cestos, bolsas, chapéus, estreiras, cortas, caçuás. Fabricavam e vendiam ainda um tipo cesto para transporte de aves, redondo, grande, coberto de trama de cipó.

Castro Faria observou que estes certos eram de longa tradição, pois só os conhecia das gravuras do século XVIII e XIX. Ou seja, não havia na coleção do Museu Nacional. A cerâmica regional era também variada, mas em geral de fabricação grosseira e imperfeita. Para ele, algumas peças causariam vergonha ao índio menos ceramista do Brasil. Outras

33 Luiz de Castro Faria, Relatório de Expedição à Bahia. Arquivo MAST, Fundo CF, CFDN 17.04.036.

eram originais, feitas com esmero e pintadas com gosto. Mereciam um estudo etnológico demorado, assim como a indústria de couros.

Os tipos de alpergatas dariam uma monografia, segundo Castro Faria. Algumas eram absolutamente originais e representavam um compromisso entre a alpercata sertaneja primitiva e os tipos de alpergatas surgidos nos grandes centros urbanos e cosmopolitas. Havia botas, botinas e sapatos de tipos também absolutamente originais, fabricados, segundo o informante, em “Jequié”. Concluiu que Jequié, devia ser um dos maiores e mais interessantes centros da indústria regional de couros.

Era o centro de fabricação dos selos campeiros, os “serigotes”, então quase em desuso fora das zonas de criação. Também a quantidade de carne exposta na feira era-lhe surpreendente – carne fresca, de sol e seca; carne de vaca, de porco, de carneiro, “de bode”, tudo mesmo.



A venda das farinhas

O complemento da carne era a farinha, produto vendido em quantidades enormes - era sempre alva e em geral muito fina. Figuravam também na feira os demais produtos da mandioca - beijús, polvilho, “puba”. Era um mundo, repetia Castro Faria - fazendas, quinquilharias, ervas medicinais, ferro velho, lamparinas, requeijão, tudo o que se

pudesse imaginar.

A feira transformava a vida da cidade, além de ser parte integrante da sua função. Em Feira de Santana, na segunda-feira o cabaré começava a funcionar ao meio-dia, o cinema organizava matinê, os viajantes visitavam os seus fregueses, as farmácias, as lojas de ferragens, mobilizavam todos os empregados.

– “Segunda-feira é dia de feira. A feira é tudo.”

BONFIM

Rumou de Feira de Santana quase que diretamente para Bonfim. A cidade ligava-se, por via férrea, ao Recôncavo e ao Vale do São Francisco. Essas áreas estavam afastadas do sistema rodoviário, havendo mais permuta de produtos. Havia zonas de lavoura, zonas de criação e zonas de indústria extrativa, vegetal e mineral. Na feira semanal, essas zonas se aproximavam, e se completavam, integrando-se num sistema econômico orgânico. A feira abrangia o círculo geográfico, do local ao regional, como a feira de Santana, mas em menor escala.

Chegou no local da feira que era uma área imensa, um pouco irregular, isto é, formada por dois planos com uma diferença de nível apreciável, um deles bastante inclinado. O movimento era surpreendente, mas o aspecto era semelhante ao observado em Feira de Santana. Por exemplo, embora fosse fácil perceber, pelos tipos de mercadoria, que estava numa zona interior, servida pela estrada de ferro, mas praticamente isolada do sistema rodoviário geral. “Era uma feira, por conseguinte, com muito mais caráter local.” Segundo Castro Faria, mesmo que fosse pela falta de intercâmbio regular e intenso com zonas mais afastadas, acentuava-se ali um caráter de permuta de produtos de uma especialização econômica precária mas irrecorrível, para a satisfação de necessidades essenciais. Lembrou que estava praticamente no “sertão”, e as terras em geral exigiam especializações exclusivas. Há zonas de borracha, há zonas de criação, há zonas de indústria extrativista vegetal e mineral. Era na feira semanal que aquelas zonas se aproximavam,

completavam e se integravam em sistema econômico vital.



Indústria local (cf. verso da foto)

A feira de Bonfim era, portanto, o grande entreposto de venda da produção dos municípios vizinhos de Campo Formoso e Jaguarari, ambos grandes fornecedores de ferro em corda, de rapadura e farinha, além de frutas. Mas, a região econômica no sentido mais amplo, isto é, a nordestina, concorria com seus produtos e suas indústrias. O sal do nordeste, por exemplo, era produto absolutamente indispensável à economia pastoril da zona sertaneja. Em troca do sal, a região litorânea recebia não só a carne, como a farinha, produzida nas áreas agrícolas que se intercalavam na zona pastoril. Esta zona concorria também com couros que, em parte, seriam depois beneficiados, para emprego na indústria local de calçados. – “É interessantíssima a indústria de calçados em Bonfim; “na rua principal existem vários fabricantes e nas próprias casas de família fazem-se sapatos de vários tipos. Parece que toda gente do lugar sabe trabalhar com sapatos”.

As barracas de fumo em corda formavam, também, um conjunto interessante, todas alinhadas, cobertas de branco. A barraca, cuja armação que sustentava a cobertura, era fragilíssima; tinha um

dispositivo próprio para sustentar, horizontalmente, o pesado rolo de fumo, sobre um banco sólido. Por falar em banco, viu ali pela primeira vez o banco de três pernas, criação do engenho sertanejo. Vendiam também na feira um leito rústico, de pernas articuladas em X e estrado de cordas, formando rede, com dois paus para encaixar uma cabeceira e manter aberto o X. Objetos que se misturavam aos gêneros alimentícios.

A quantidade de carne – de vaca, de porco, de carneiro e de “bode” – era assombrosa, embora vendida por um preço relativamente elevado. Comentava-se sobre o aumento dos preços dos produtos. A carne de “bode”, em geral desprezada, era mais barata, vendida a quatro cruzeiros. Uma laranja custava um cruzeiro, ou um cruzado, como se falava mais frequentemente. O padrão de vida havia se elevado de uma maneira incrível, em todo o nordeste.

JACOBINA

Ainda visitou a feira de Jacobina. Era menor que a anterior, entrosada no sistema rodoviário, tinha um comércio abastecido pelos caminhões, com produtos vindos de Salvador ou outras cidades do litoral nordestino. Tinha portanto um caráter local, numa economia integrada e própria.

Observou que era bem menor que a de Bonfim, apesar de Jacobina fazer parte do sistema rodoviário em conexão com todos os centros produtivos do nordeste. Viu ali caminhões com placas de Sergipe, Pernambuco e Ceará. Havia transporte diário, em caminhões, para Feira de Santana e um serviço misto para Salvador. O fato de Jacobina possuir uma economia própria, integrada, talvez explicasse aquele amplo trânsito de caminhões. A feira nada apresentava de peculiar. Castro Faria sentia-se doente e diz ter aproveitado menos do que poderia, naquela parte final da viagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os percalços da viagem, Castro Faria voltou realizado com seu trabalho na Bahia, pois considerou que obteve pleno êxito naquela tarefa, uma vez que os resultados obtidos, a seu ver, “constituíram sólida base para uma futura publicação sobre o significado econômico e social das feiras do nordeste”. Considerou que o método comparativo, adotado para analisar as diferentes feiras, fora muito elucidativo. No relatório da expedição, Castro Faria concluiu que, para além do projeto e dos estudos que empreendeu antes de partir, foi no trabalho de campo que pode verificar a complexidade e a magnitude do problema, bem como o acerto da escolha do tema.

Em Nordeste, Gilberto Freyre havia classificado os produtores de cana-de-açúcar de Pernambuco de “civilização do açúcar”. Esta civilização, dizia, movia-se “num sistema social de relações dos homens com a terra, com os animais, com a água, com a mata, entre senhores e escravos, proprietários e trabalhadores, brancos e negros, homens e mulheres, adultos e meninos; o que não só foi motivo de muitas de suas fraquezas como de várias de suas virtudes”³⁴. Gilberto Freyre, que publicara Nordeste em 1937, afirmou no Prefácio do livro que a análise ecológica servia-lhe para esboçar a fisionomia daquele Nordeste agrário e, então, decadente. Em Problemas Brasileiros da Antropologia³⁵, reafirmou a decadência da “civilização do açúcar”, associando-a às caldas dos canaviais, que deixavam um rastro de problemas ecológicos, dos mais difíceis para o Brasil, resultante de política de “laissez-faire” realizada em proveito de poucos e prejuízo de muitos (1943:212). Para Gilberto Freyre, antropologia era uma ciência social, interrelacional, à qual a cultura estava subsumida. Para Castro Faria, não havia diferenças no que alguns consideravam as duas ciências.

34 Freyre, ed. 1989, p.167.

35 Gilberto Freyre publicou Problemas Brasileiros de Antropologia em 1943, livro que iniciou com o texto de uma aula dada na Universidade do Distrito Federal, em 1935, no qual definia a Antropologia social relativamente à cultural.

Para a análise da sociedade, Freyre considerava critérios psicológicos-sociais, histórico-sociais e econômico-ecológicos. Diferentemente de Castro Faria, ele opunha antropologia social à antropologia cultural. Dizia que o homem é livre para desenvolver traços de cultura, resultado de invenções e da imitação de que é capaz, contudo, esses traços estão condicionados aos limites impostos pelo “equipamento” biológico e psicológico e muito remotamente pelo meio. Assim, antropologia social não poderia afastar-se da antropologia física e da geografia. Complementava a ideia dizendo que não há raças em sentido absoluto, mas não se pode negar que possa haver alguma coisa de étnico ou de racial nas diferenças de reação de grupos sociais diversos, aos mesmos estímulos do meio ou de situação (1943:7).

Castro Faria entendendo diferentemente as relações sociais, ignorou a alteridade étnica ou desigualdades psico-somáticas e mostrou que os diferentes grupos sociais, atuando conjuntamente no comércio das feiras, haviam criado não somente uma identidade cultural como um complexo econômico, que ele chamou de “complexo econômico do Nordeste. Portanto, no seu estudo antropológico Castro Faria concluiu que as feiras ecologicamente integradas numa determinada área geográfica e no aproveitamento dos recursos naturais, regionais, formaram uma sociedade culturalmente próspera.

Logo, para Castro Faria, os feirantes eram comerciantes, mas também, agricultores ou pescadores de um local específico que conheciam e exploravam – a terra, as águas, os animais e vegetais. Nas feiras, estabeleciam relação estreita entre grandes e modernos produtores industriais, das capitais e cidades maiores, e entre os pequenos produtores, do interior. Assim entendidas, como um processo de socialização de grupos sociais distintos, pela sua cultura e pelos modos de produção econômica, colocando em relação centros produtores geograficamente dispersos, as feiras eram formadoras de redes culturais.

Concluiu, que aquele comércio, que ele viu ao mesmo tempo, moderno e primitivo, ou intermediário entre um e outro, caracterizado pela diversidade cultural, geográfica, econômica e social, delineou uma

identidade regional - o Nordeste - pelo complexo econômico das feiras. A análise ecológica mostrou as feiras como um lugar de socialização, como uma festa alegre, que instigava um crescimento econômico e social para todo o Nordeste.

A metodologia abordada por Castro Faria, conforme dito acima, evidenciou o momento de passagem da antropologia, de ciências naturais para as ciências sociais e o fez valorizando a ecologia³⁶. Quando o trabalho de Castro Faria terminava na Bahia, os métodos antropológicos do trabalho de campo começavam a ganhar diferentes orientações teóricas, que deixariam emergir, não exatamente novos objetos de análise, mas novas abordagens sobre os mesmos objetos.

Pouco mais de uma década após o retorno de Castro Faria da Bahia, as feiras voltaram a ser objeto de estudos antropológicos, no Museu Nacional, confrontadas à “civilização do açúcar” de Pernambuco. Já não lhes importava a questão ecológico-cultural. Conforme o antropólogo Moacir Palmeira, que coordenou uma pesquisa importante, que incluía as feiras, na mesma região de produção de açúcar em Pernambuco: -“A teoria marxista que começava a dominar o ensino das ciências sociais e humanas nas universidades e a “casar” a pesquisa empírica à novidade teórica, tornou-se um desafio para os jovens cientistas sociais que, então, se formavam³⁷. Antropologia, então, era inquestionavelmente uma ciência social. Ao mesmo tempo, o “local” já não contava somente como particularidade cultural, mas como uma realidade econômica. Entre a diversidade geográfica da natureza e a diversidade sócio cultural operou-se uma separação, de muito difícil transposição, naquele momento.

A prática da antropologia ecológica adotada por Castro Faria e por aqueles que com ele se identificavam, encontraram pouco ou nenhum eco, mesmo no Museu Nacional³⁸. No início da década de 1970, Moacir

36 Sobre esta questão ver Domingues e Petitjean, 2001, p. 98; Domingues, 2008;

37 Entrevista a José Sergio Leite Lopes, 2013.

38 Velloso (2021), mostra que Heloisa Fénelon Costa, atuando ao lado de Castro Faria, no setor de Etnologia do Museu Nacional, e valorizando a cultura indígena, sofreu restrições a seu trabalho, nos anos 1960 e 1970. “Ela nunca conseguiu uma vaga de

Palmeira voltava da Europa, onde havia feito o doutorado. Foi, então, convidado pelo prof. Roberto Cardoso de Oliveira para coordenar o projeto, que se intitulava “Estudo comparativo do desenvolvimento regional”, na parte referente ao Nordeste – especialmente, a região produtora de cana-de-açúcar³⁹. O projeto incorporou vários antropólogos, cada qual com um subprojeto⁴⁰.

Moacir Palmeira, também engajou-se no estudo das feiras e, como o próprio título do seu artigo sobre o tema evidenciou, as feiras eram uma “questão econômica em transformação”⁴¹. Analisou-as num contexto de crise que se abateu sobre os engenhos da Zona da Mata pernambucana, o que iniciou um processo de proletarização dos moradores, expulsos dos engenhos. A divisão do trabalho e as diferentes categorias de “trabalhadores” que constituíam a composição social da feira, foram analisados levando em conta dados estatísticos. Esta foi a base analítica daquele estudo, que mostrava a mobilidade dos trabalhadores dentro daquele sistema em que as feiras adquiriram um papel central.

A análise empreendida por Moacir Palmeira situou as feiras no contexto econômico da região, dos anos 1960, partindo da constatação do rompimento do equilíbrio existente entre a produção da cana e os períodos de maior ou menor produção de bens de subsistência. Concluiu então que os pequenos produtores passaram a disputar a terra de plantação de cana, num momento em que esta produção recrudescia, da mesma forma que o mercado de bens manufaturados, dominantes nos centros urbanos maiores, passaram a dominar o comércio das feiras. O objetivo do projeto de Moacir Palmeira era, em última instância, estudar

professora do PPGAS, criado em 1968”.

39 Leite Lopes, 2013, p. 4.

40 Marie-France Garcia, desenvolveu um projeto sobre um tipo especial de feira, o Bacurau, “feira que começava a noite e cuja designação está associada ao pássaro noturno. A noite era momento em que usineiros e “moradores” se encontravam e onde chegavam também os pequenos produtores autônomos do Agreste e também os intermediários. (M. Palmeira, entrevista para Lopes, 2013).

41 M. Palmeira, Feira e Mudança Econômica. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, vol 11, n. 1, Brasília, Jan. Jun. 2014,

a complexa história econômica da passagem dos barracões (que faziam o comércio dentro das usinas) às feiras populares⁴².

O resultado dessa pesquisa mostrou que as transformações no circuito de trocas de bens de subsistência traduziam-se num sensível crescimento das feiras da Zona da Mata, de Pernambuco. As feiras, ao se modificarem, forneciam o principal suporte a mudanças, como as fontes de emprego, em geral produtivo, para os trabalhadores expulsos dos engenhos. Era vista, assim, como elemento de redistribuição de riquezas num setor determinado da população e como centro de distribuição da pequena produção rural/local. No entanto, concluiu Moacir Palmeira, variações importantes ocorriam em função das características [geográficas] particulares de diferentes subáreas e com a história específica das feiras que, sublinhava ele, quase sempre pré-existiam aqueles processos. Da mesma forma, as feiras coexistiam com outras formas de distribuição da produção, desde o barracão ao comércio estabelecido⁴³.

Para Castro Faria, a feira, enquanto um tipo particular de comércio, era uma questão cultural e um lugar de socialização, onde, literalmente, interagiam “feirantes”, produtores, famílias, produtos à venda, público comprador, “mendigos cantadores” (representação de cultura popular), era um “grande negócio”, mas era, também, um lugar festivo. Para Moacir Palmeira, nos anos 1960, a feira, embora guardasse características locais, era, sobretudo, um empreendimento econômico e como tal era analisado.

Desde 1949, quando Castro Faria realizou sua pesquisa no Nordeste até o final do século não foram pequenas as transformações ocorridas tanto nos estudos quanto nas relações políticas, econômicas e sociais do país como um todo, mas particularmente nas relações campo / cidade; meio rural e urbano e estudos correlatos. Embora não seja o caso desse

42 Palmeira, Feira e mudança econômica. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, vol 11, n. 1, Brasília, Jan. Jun. 2014;

43 Palmeira, idem;

trabalho, tampouco o seu objetivo, chama a atenção o fato de tantas transformações na análise daquele tema terem levantado novamente as questões ecológicas em relação às feiras, que haviam motivado Castro Faria. Concorreu para isto, o agravamento das questões climáticas conjugadas às transformações das relações sociais no campo, de que falara Moacir Palmeira.

Em 1999, o geógrafo, Aziz Nacib Ab'Saber, publicou o artigo "Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida", em cuja primeira parte, intitulada "Originalidade da terra, espaços ecológicos e impactos da semiaridez", sublinhou a relevância das feiras locais. A ecologia era o cerne da discussão que valorizava a população local. De acordo com Ab'Saber, o comércio das feiras, nos locais semiáridos ou nos agrestes, era atestado da importância dos brejos para a produção de alimentos no sertão. Vale repetir o que sublinhou Ab'Saber: "De certa forma, o vigor e o sucesso das feiras nordestinas são o próprio termômetro da produtividade dessas áreas, cujos solos de mata deram origem à formação dos primeiros celeiros fornecedores de alimentos baratos e de uso tradicional no amplo espaço sertanejo. O transporte a baixo custo, feito no lombo de jegues, aliado à baixa expectativa de lucro dos camponeses brejeiros, garantiu a comercialização com níveis toleráveis de preços para as populações. A carne verde do gado ou de animais de pequeno porte é quase sempre proveniente de todos os sertões, mas o restante do necessário à alimentação do povo sertanejo provém dos pequenos espaços, muito férteis, dos brejos que pontilham os sertões. Dali saem a mandioca e a farinha, o feijão, uma parte do café, um sem-número de frutas, além da rapadura e da aguardente, subprodutos de pequenas plantações de cana-de-açúcar. Existiu, até mesmo, uma pequena zona cafeeira nos brejos de grotões de Garanhuns, enquanto a maior parte de bananicultura e significativa parte da horticultura do Ceará (incluindo remanescentes do café sombreado) se alojaram no maciço do Baturité, competindo ali com os espaços tradicionais das lavouras anuais" (Ab'Saber, 1999, p. 20).

As observações eloquentes de Ab'Saber remetem às de Castro Faria,

no que tange à ecologia que movia aquele comércio. Para Castro Faria, a relação dos feirantes com o meio expressava-se na caracterização da geografia dos produtos que vendiam, daí a dedução de que aquelas feiras caracterizavam uma região: o Nordeste. A mesma conclusão, observando o sentido Inverso, o dos lugares produtores, para Ab'Saber, era do sertão úmido e do agreste que provinham os produtos vendidos nas feiras, que alimentavam as populações locais.

Para Ab'Saber, nas zonas agrestes onde havia terrenos abrejados, agricultura e pecuária conviviam, dando mais segurança ao balanço da produtividade local e a seu comércio. Tratava-se, sublinhava Ab'Saber, de uma paisagem que refletia um sistema agrário de longa duração, gerado num ambiente de transição climática e ecológica, em que as propriedades eram de porte pequeno e médio, fazendo dos agrestes a região mais povoada e de economia rural mais equilibrada de todo o interior do Nordeste. Em contraste, em períodos muito secos, existia certamente a *sertanização*, na expressão de Ab'Saber. Ora, a análise daquelas relações locais, não prescindia da componente da seca na vida social e econômica. A questão climática batia à porta das ciências do campo.

Entre a análise de Castro Faria, em 1949, e os estudos subsequentes, percebe-se o quanto as ideias por trás do método mudaram, transformando o enfoque sobre as feiras. Contudo, numa projeção atual da produção historiográfica das ciências no campo, pode-se fazer analogia com a prática antropológica de Castro Faria, dos anos 1940 e 1950. De alguma maneira, as questões ambientais que ameaçam relações sociais e econômicas hoje, vêm gerando novas abordagens metodológicas que permitem remeter aos trabalhos de Castro Faria, dos anos 1940 e 1950, como uma contribuição ao entendimento das atuais questões sócio ambientais, quiçá apontando solução.

Recentemente, o historiador Jeremy Vetter, num livro em que discute o conhecimento sobre meio ambiente como um problema global, afirmou que a análise histórica das ciências do campo deve ter como ponto de partida o “residencial”, para então compreender como se formou o global. O global, chama atenção Vetter, foi construído sobre as

culturas não exatamente locais, mas, residenciais, aquelas que vivem no campo, que conhecem o dia a dia da natureza, do clima, das transformações da flora e da fauna, aquelas que exploram os recursos naturais de forma a não esgotá-los. Ao mesmo tempo, esses residentes não se excluíram dos contatos, das miscigenações, das trocas ou colaborações; foram excluídos e devem ser recolocados no seu lugar na história⁴⁴.

Trabalhos como os de Castro Faria, são referências que permitem reunir elementos para entender a “globalidade” da produção dos conhecimentos sobre o meio ambiente, sempre, “local”. Na mesma década de 1990, despontou o *Projeto Nova Cartografia social da Amazônia*, coordenado pelo antropólogo Alfredo Wagner de Almeida, ex-aluno de Castro Faria. Este projeto, com um escopo grandioso, não se reportava às feiras, contudo, buscava “conferir relevância às realidades localizadas”⁴⁵. O mapa social da Amazônia surgiu como recurso crítico à ‘despolitização’ que caracteriza as polêmicas em torno do propalado zoneamento econômico e ecológico da Amazônia. O mapa, explica o professor Alfredo Wagner, reflete um padrão político em que o universal encontra-se no conflito localizado e o político na luta específica. A cartografia social, continua ele, foge à análise do geógrafo aprisionada ao espaço formalmente delimitado; abandona as práticas do antropólogo de elaboração de mapas, diagramas, genealogias, dos momentos de objetivismo, para dedicar-se a mapear o movimento, a luta social do dia-a-dia, buscando ordenar situações e mecanismos legais de intervenção, que o sobrevoos da fiscalização não registra localmente. A nova cartografia social instituiu o modo original de analisar o local, vendo-o como um composto de intervenções universais.

Castro Faria, na sincronia de sua análise, valorizou relações sociais e econômicas, como culturas geograficamente definidas, que configuraram

44 Jeremy VETTER 2011, Introduction.

45 Almeida, 1995, p. 21.

* Registro os meus agradecimentos a Alfredo Wagner, pela leitura do texto e sugestões.

uma região – o Nordeste. Naqueles anos, aquelas culturas locais/residenciais apenas começavam a ser suplantadas por modos universais de exploração da terra, de industrialização e de comércio, que no fim do século sufocavam produções e vidas e aniquilavam a natureza.

SOBRE O AUTOR

María Heloisa Bertol Domingues

Historiadora das Ciências, Pesquisadora Titular do Museu de Astronomia (MAST). Professora do Programa de Pós-Graduação em História, UNIRIO. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1978), mestrado em História das Idéias pela Universidade Federal Fluminense (1990) e doutorado em História Social [das ciências] pela Universidade de São Paulo (1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Alexandro Moura, RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres: Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 26, n. 3, outubro de 2018 a janeiro de 2019; https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/ESA26-3_feiras_feirantes

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Carajás: A Guerra dos Mapas. Belém, Seminário. Consulta, 1995, 2ª edição;

AB’SABER, Aziz, “Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida”, Revista Estudos Avançados, Dossiê Nordeste Seco, 13(36) 1999, p.7-59.

CASTRO FARIA, Luiz de, (1998), “O Antropólogo e a Fotografia: um Depoimento”, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27, p. 162-169.

CASTRO FARIA, Luiz de, Relatório de Expedição à Bahia. Arquivo MAST, CFDN 17.04.036.

CASTRO FARIA, Luiz de, Antropologia: duas ciências. Org. Heloisa M. Bertol Domingues, Alfredo Wagner B. de Almeida, Brasília, Rio de Janeiro, CNPq, MAST, 2006.

CASTRO FARIA, Luiz de, Raimundo Lopes: dois estudos resgatados. Org. Heloisa M. Bertol Domingues, Alfredo Wagner B. de Almeida, Rio, Ouro Sobre Azul, 2010.

CASTRO FARIA, Luiz de. Um outro olhar. Diário à Expedição à Serra do Norte. Rio de Janeiro, Ed. Ouro Sobre Azul, 2003.

CASTRO FARIA, Luiz de, Ecologia das comunidades indígenas do Chapadão Matogrossense. Arquivo MAST, CFDA.

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. Alfredo Wagner B. de ALMEIDA (Orgs.) Raimundo Lopes: dois estudos resgatados, Rio de Janeiro, Ouro Sobre Azul, 2010.

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. PETITJEAN, Patrick. A UNESCO, o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e a Antropologia no final dos anos 40, in Priscila FAULHABER e Peter M. de TOLEDO, Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi, 2001, p. 83-109.

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. Tradução cultural na Antropologia dos anos 1930 e 1950: as expedições de Claude Lévi-Strauss e de Charles Wagley na Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi – Ciências Humanas, Vol. 3, n. 1, Jan-Abril, 2008.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222008000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt;

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. A História das ciências e os saberes na Amazônia. Ed. Alfredo Wagner de Almeida, Rio de Janeiro, São Luis, Casa 8, 2016.

<http://novacartografiasocial.com.br/download/02-a-historia-das-ciencias-e-os-saberes-na-amazonia-seculos-xix-e-xx/>

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. Magali Romero SÁ, Expedições Científicas

e Coleccionismo: dois exemplos no Brasil - Século XX, Revista Asclépio, 71(2) Julho, Dezembro, 2019,
<http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/issue/archive>, p.272;

FREYRE, Gilberto. Nordeste. Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1989, 6ª. edição.

GARCIA, Marie France. Negócio e campesinato: uma estratégia de reprodução social. Boletim do Museu Nacional de Antropologia, n. 45, Novembro, 1983, p. 1-17.

HEREDIA, Bestriz M. A. A morada da vida – Trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEITE LOPES, José Sergio, Entrevista com Moacir Palmeira. Horizontes Antropológicos. Vol. 19, n. 39, Porto Alegre, Jan-Jun. 2013.
<http://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100017>;

LEWIS, Herbert S. Anthropology, the Cold War and Intellectual History, 4, Histories of Anthropology Annual, University of Nebraska Press, Vol. 1, 2005, p. 99-113; <https://muse.jhu.edu/article/248816> Acesso 31/03/2021.

VETTER, Jeremy (Org.), Knowing Global environments: new historical perspectives of the field sciences, New Jersey,USA, and London, Rutgers University Press, 2011;

PALMEIRA, Moacir. Feira e mudança econômica. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, vol 11, n. 1, Brasília , Jan. Jun. 2014;

NN, Terry. et Pascal RAGOUET, Controverses sur la science. Pour une sociologie transversaliste de l'activité scientifique. Paris, Éditions Raison d'Agir, 2005.

VELOSO JR., Crenivaldo R. O “artesanato da produção acadêmica”: histórias, coleções e saberes na trajetória de Heloisa Fénelon. Tese de doutoramento, PPGH/UNIRIO, 2021.